

Economia - Brasil



O País vai crescer 8% este ano. Previsão de Belluzzo.

O assessor de Funaro anunciou ainda: mais impostos para quem ganha mais.

O chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda, Luiz Gonzaga Belluzzo (foto), revelou ontem durante o VI Congresso Brasileiro de Economistas que, pelos dados de que dispõe o governo, a economia deverá crescer 8% este ano. Esse crescimento, porém, será resultante da recuperação salarial ocorrida nos primeiros oito meses do ano, da ordem de 12%, que aumentou a demanda por bens e serviços. O setor industrial, que mantém grande capacidade ociosa, continua sem realizar novos investimentos.

Belluzzo revelou também que o governo pretende mudar a forma de combate à inflação, praticando uma "política de rendas" que exija contribuição maior dos setores que têm maior capacidade. "Não podemos insistir numa política ortodoxa que não conseguiu outro resultado além de promover uma recessão nos últimos três anos", disse Belluzzo. (Veja matéria sobre impostos na página 11.)

A elevação da carga tributária no País foi defendida por ele com a incidência dos impostos sobre os setores ainda insuficientemente tributados, dentro de um critério de justiça fiscal. Dessa forma, os salários não seriam penalizados. "Sem essas medidas, a economia não conseguirá manter um crescimento sustentado, e a própria democracia

estará ameaçada no País", afirmou Belluzzo.

A solução dos problemas financeiros do governo, segundo Belluzzo, exige uma negociação adequada da dívida externa, que obriga o País a transferir para o Exterior, todos os anos, cerca de 5% do seu Produto Interno Bruto (PIB) através do pagamento dos juros da ordem de US\$ 12 bilhões.

Emissões

Ele explicou que para conseguir pagar esta conta a economia precisa gerar um superávit equivalente na balança comercial. Posteriormente, o governo é obrigado a emitir títulos em volume equivalente para neutralizar o impacto monetário, que teria consequências inflacionárias da conversão desses dólares em cruzeiros. De acordo com Belluzzo, somente este ano deverão ser emitidos aproximadamente Cr\$ 40 trilhões em títulos através desse mecanismo.

Seis painéis foram realizados ontem no Congresso Brasileiro de Economistas. Compareceram para apresentar o painel sobre os Agentes Fundamentais do Mercado no Brasil o empresário carioca Fernando Gasparian e o professor Alfredo Costa Filho. Este defendeu o papel predominante do Estado no encaminhamento da retomada do crescimento econômico, afirmando

que essa ação deve ser articulada entre todos os governos latino-americanos, no sentido de cooperação, "passando a oferecer algum tipo de protecionismo seletivo" de forma a garantir o desenvolvimento da região.

Para o professor Costa Filho, uma saída isolada é impossível na América Latina. "Só o Estado pode organizar os sujeitos coletivos, como sindicatos, partidos políticos e demais representações, de forma democrática." Sua opinião é de que só a Constituinte deve sedimentar um processo de desenvolvimento da coletividade através do Estado.

Choque

O combate radical à inflação através do que vem sendo chamado de "choque heterodoxo", uma política que pressupõe a desindexação total da economia e o congelamento dos preços e salários, foi defendido ontem por três conferencistas no Congresso de Economistas: Luiz Carlos Bresser Pereira, secretário de governo de São Paulo; Edmar Bacha, presidente do IBGE; e Francisco Lopes, da PUC do Rio.

Eles falaram durante o painel sobre Políticas de Estabilização, quando também defenderam o reajuste mensal dos salários como forma de preservar o poder aquisitivo dos trabalhadores. Segundo eles, não tem fundamento a afirmação

de que tal política contribuiria para aumentar a inflação.

Para Bresser Pereira, o "choque heterodoxo" é a única solução para a inflação brasileira. "Se ele não for aplicado, a inflação continuará aumentando de patamar sempre que houver qualquer problema conjuntural de aumento da demanda ou escassez da oferta de produtos", afirmou.

O economista Francisco Lopes, considerado um dos principais teóricos do "choque heterodoxo" e um dos inspiradores da aplicação desse método na Argentina, onde vem sendo empregado com sucesso, considera, entretanto que, "no Brasil ainda não existe a decisão de se fazer um combate frontal à inflação. Os brasileiros parecem acreditar, implicitamente, que conseguirão continuar convivendo com uma inflação na casa dos 200%, o que é uma ilusão".

Na opinião de Lopes, na ausência de uma política de combate rápido à inflação, o governo deveria instituir o reajuste mensal dos salários para preservar seu poder aquisitivo. O ideal, a seu ver, seria a prefixação dos reajustes por um período de três meses, com base na inflação média do trimestre imediatamente anterior. "O governo está resistindo até mesmo ao sistema de reajustes trimestrais, mas comete um equívoco", disse Lopes.